

Coluna do Castello

Vai-se reduzindo o quadro de expectativas

Embora somente a 15 de julho se encerre o prazo para as convenções nacionais partidárias que definirão as candidaturas presidenciais — o registro de nomes no TSE irá até 17 de agosto — deve-se dar como praticamente completo o elenco de políticos que se propõem a ir à eleição de 15 de novembro. Estão eliminados, a considerar-se a lista de presidenciáveis que se armou desde a promulgação da Constituição, Antônio Ermírio de Moraes, Sílvio Santos, Marco Maciel, Miguel Arraes, Álvaro Dias, Orestes Quércia, Pedro Simon, Moreira Franco, Leônidas Pires Gonçalves e Newton Cardoso, sendo de excluir também Jânio Quadros, apesar das expectativas que ele sempre deixa atrás de si, mesmo tendo formalmente desistido de candidatar-se.



São candidatos já lançados ou com seus nomes assentados nos respectivos partidos Ulysses Guimarães, Aureliano Chaves, Leonel Brizola, Luís Inácio Lula da Silva, Fernando Collor de Mello, Mário Covas, Paulo Maluf, Roberto Freire e Afif Domingos, podendo ainda impor seu nome o senador Afonso Camargo, pré-candidato do PTB. As pesquisas de opinião deixam sem esperanças Freire e Domingos, pelos baixos índices, de crescimento possivelmente apenas vegetativo, e Maluf pela inexistência de condições que lhe permitam expandir a área. Covas vem encontrando resistência à sua identificação pelo eleitorado mas, como sua base paulista permanece importante e como sua mensagem poderá ainda em princípio atrair segmentos do PMDB, na medida em que demonstre paralisia a candidatura do partido, não pode ser preliminarmente excluído da lista de concorrentes reais à presidência.

Estamos a cinco meses e pouco da eleição, lapso de tempo que justifica alguma expectativa, salvo quanto ao aparecimento de novas candidaturas. Collor e Brizola são os que se situam como privilegiados na fase atual da disputa e em torno deles deverá se desenvolver o drama das oscilações da opinião pública. À esquerda parece provável que Brizola terá seu lugar para o segundo turno. Mas ao centro e à direita, tudo ficou em suspenso depois da irrupção em cena do favoritismo de Collor. Ulysses, com sua base respeitável embora fendida, não pode ser excluído da disputa até o dia da eleição. Seu enorme prestígio político, sua capacidade de compor dissidências e marchar para uma solução satisfatória e seu mesmo partido podem ser os elementos que uma campanha bem conduzida mobilizaria para a decisão eleitoral.

Também não deve ser ainda excluído o nome de Aureliano Chaves. Com o partido, o PFL, igualmente dividido, o ex-vice presidente da República deu sinal de vitalidade nas últimas pesquisas, o que poderá indicar a possibilidade de vitalização do seu prestígio potencial em função do conceito em que é tido nacionalmente. Não seria de surpreender se ele disputar com Collor e Ulysses, na reta final, a condição de candidato preferencial do centro. Ele pode ter ainda apoios importantes, além de ter-se tornado a alternativa impar dos políticos vinculados ao governo federal cujo potencial eleitoral não deve ser menosprezado. Políticos como Antônio Carlos Magalhães, Jader Barbalho e Íris Resende, se motivados, poderiam ser fator importante na fixação de uma candidatura.

Não aludimos a Lula, que parece ser um caso especial. O PT não tem bases suficientes para lhe sustentar a candidatura. Mas a eleição de 1988 deixou claro que o eleitor tem sempre uma alternativa pessoal. Caso os candidatos tidos como viáveis o decepcionem e a situação geral do país induzir a revoltas, tudo pode acontecer, como disse o povo com a Erundina em São Paulo, os Bittar em Campinas e no Rio, o Dutra em Porto Alegre e tantos outros que deixaram uma marca na história eleitoral do país.